

# REVISTA ESCOLAR

ORGAM DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA

ANNO II

S. PAULO - 1.º de Março de 1926

N.º 15

## A REVISTA ESCOLAR

S. Paulo—março—1926.

*Sendo o objectivo da presente secção tratar, dum modo geral e succinto, de assumptos directamente relacionados com a didactica infantil, é obvio não poderem estes sêr encarados sob os differentes aspectos que a controversia de doutrinas e opiniões costuma apresentar. Dahi a necessidade de synthetizal-os nos limites dum eclecticismo pratico, apenas desenvolvendo-os de conformidade com as experiencias e processos que melhores resultados tenham produzido.*

*Baseado neste criterio, vamos falar duma materia, aliás simples, mas que nem por isso deixa de entrar no curso primario como relevante factor na cultura da Linguagem. Além do mais, sua propria simplicidade é digna de consideração, porquanto póde dar origem a um empirismo inconsciente no ensino, que, então, por sua vez, se tornará negativo. Referimo-nos ao DITADO nas classes primarias. Este exercicio, quando effectuado sem o necessario methodo, é sobre inutil, assaz prejudicial, ao passo que, obedecendo aos preceitos a elle inherentes, se torna um excellente auxiliar na aprendizagem do idioma.*

*Tratemos, pois, de assignalar as seguintes nórmas cujos resultados praticos de ha muito as vêm consagrando como as mais proficuas no ensinamento da disciplina em questão.*

# INDICE

A "REVISTA ESCOLAR" . . . . .	1
LIÇÕES PRATICAS:	
Linguagem . . . . .	4
Arithmetica . . . . .	8
Instrucção moral e civica . . . . .	10
Botanica . . . . .	13
Geographia . . . . .	16
Hygiene . . . . .	19
Geometria . . . . .	21
Physiologia da respiração . . . . .	24
Historia do Brasil . . . . .	17
PEDOLOGIA:	
A imaginação e suas variedades na criança . . . . .	30
Evolução psychica da criança . . . . .	32
LIÇÕES DE COISAS:	
O navio . . . . .	35
O iman . . . . .	37
A bussola . . . . .	39
A farinha de trigo . . . . .	41
O assucar . . . . .	43
A manteiga . . . . .	46
O chapéo . . . . .	48
O couro . . . . .	51
O guarda-chuva . . . . .	53
QUESTÕES GERAES:	
Palestras sobre ensino . . . . .	57
Importancia do brinquedo na educação . . . . .	60
Pelas arvores . . . . .	62
Phase preparatoria da leitura analytica . . . . .	34
O estudo da Geographia . . . . .	66
LITERATURA INFANTIL:	
Honras de general . . . . .	68
Os cysnes . . . . .	69
Felicidade . . . . .	70
Os dois regatos . . . . .	71
Na roça . . . . .	73
O jardim da vovó . . . . .	74
Roberto Fulton . . . . .	76
Sadio eu sou . . . . .	78
A festa das aves . . . . .	79

## METHODOLOGIA:

Processo educativo . . . . .

## EDUCAÇÃO PHYSICA — JÓGOS ESCOLARES:

Perdi meu gato . . . . .	83
Numeros . . . . .	86
Veneno . . . . .	86
Chinela . . . . .	87
Jogo das colheres . . . . .	87
Cobra no capim . . . . .	87
A's cegas . . . . .	88
Touro na arena . . . . .	88
Pescador . . . . .	88
Corrida circular . . . . .	89
Cabra-céga, em róda . . . . .	89

## ESCOTISMO:

Da Bandeira nacional e do Hymno . . . . .	90
O campo "tá queimano" . . . . .	94

## O "FOLK-LORE" NAS ESCOLAS:

"Nhó" Terencio e o moribundo . . . . .	95
Tatú-Bóla . . . . .	96
O caipira . . . . .	97

## VULTOS E FACTOS:

Dr. Luiz Pereira Barreto . . . . .	98
------------------------------------	----

## NOTICIAS

101

## INSTRUCÇÃO PUBLICA:

Um protesto judicial . . . . .	102
--------------------------------	-----

## SECRETARIA DO INTERIOR:

Actos diversos . . . . .	107
--------------------------	-----

*P.* — Exactamente. As outras palavras irão para as raízes secundárias.

*A.* — As, duas e boas?

*P.* — Sim. . . Já estudámos as raízes — os *sujeitos*. Tudo o que está fóra da terra (caules e folhas) constitúe o *predicado*, que estudaremos outro dia.

(Este exercício pôde sêr variado, dando-se exemplos para que os alumnos fórmem sentenças apropriadas.)

## ARITHMETICA

### DIVISÃO DE FRACÇÕES

(EXERCÍCIO DE RECAPITULAÇÃO)

*Na Arithmetica precisamos mais da pratica do que de preceitos; mais de exercicios do que de regras.*

*Uma lição de Arithmetica bem dirigida, bem animada, consegue os fins almejados, quasi que sem theoria.*

*Professor.* — Quem sabe responder á seguinte pergunta: si 20 laranjas forem divididas entre 5 meninos, quantas receberá cada um? Estou vendo que todos da classe sabem. Responda, você, Alberto.

*Alumno.* — E' muito facil. Cada menino receberá 4 laranjas.

*P.* — E si 40 laranjas forem divididas entre 4 meninos, quantas receberá cada um?

*A.* — Cada um receberá 10 laranjas.

*P.* — Trinta e cinco laranjas repartidas entre 5 meninos?

*A.* — Sete laranjas a cada um.

*P.* — Oito laranjas divididas por 8 meninos?

*A.* — Uma laranja para cada um.

*P.* — Duas laranjas entre 4 meninos?

*A.* — Cada um receberá  $2/4$  ou meia laranja.

*P.* — Meia laranja dividida entre 2 meninos, quanto dará para cada um?

*A.* —  $1/4$ .

(Os primeiros dez minutos deverão sêr gastos em exercicios oraes, faceis como os precedentes.)

*P.* — Até agora, que temos estado fazendo com as laranjas?

*A.* — Repartindo-as, dividindo-as.

*P.* — Vá ao quadro-negro, Julio, fazer o signal de divisão.

*A.* — (Faz o signal.) Prompto, professor.

*P.* — Vamos escrever, abreviadamente, as perguntas com as respostas que acabámos de achar. Repita, José, uma das perguntas que acabei de fazer.

*A.* — Si 20 laranjas forem divididas entre 5 meninos, quantas receberá cada menino?

*P.* — Escreva isso no quadro-negro, mas, abreviadamente, como eu disse.

*A.* — (Escreve.)  $20 \div 5 = ?$

*P.* — Escreva, de novo, pondo a resposta.

*A.* — (Escreve.)  $20 \div 5 = 4$  laranjas.

*P.* — Agora, são 2 laranjas que vamos dividir por 4 meninos. Escreva, Joaquim.

*A.* — (Escreve.)  $2 \div 4 = ?$

*P.* — (Mostrando duas laranjas divididas em quartos.)

Aqui estão as duas laranjas; divida-as entre 4 meninos.

*A.* — (Dividindo.) Cabem  $2/4$ , ou  $1/2$  para cada um.

*P.* — Que escreveu você, emcima?

*A.* — O 2.

*P.* — Que representa o 2?

*A.* — São as laranjas.

*P.* — O *dividendo*, aquillo que vamos dividir, não é verdade?

*A.* — E', professor.

*P.* — E embaixo o que se escreve?

*A.* — Os 4 meninos, o *divisor*. (Varios exemplos semelhantes.)

*P.* — Muito bem. Temos aqui (mostrando) a metade de uma laranja para dividir por 2 meninos. Reparta você, Paulo. Quanto receberá cada um?

*A.* — Um quarto.

*P.* — Escreva no quadro-negro.

*A.* — (Escreve.)  $1/2 \div 2 = 1/4$ .

*P.* — (Mostrando.) Um terço de uma laranja para dividir por dois meninos.

*A.* — (Fazendo a divisão.) Dá  $1/6$ .

*P.* — Escreva.

*A.* — (Escreve.)  $1/3 \div 2 = 1/6$ .

(*Varios exercicios analogos.*)

*P.* — Não podemos sempre andar com as laranjas para fazer os calculos; precisamos saber que conta fazer com  $1/2$  para dar  $1/4$ , com  $1/3$  para dar  $1/6$  etc.

*A.* — É multiplicar.

*P.* — Sim: conservar o dividendo e multiplicar o divisor.

(*Esta lição será seguida por outras semelhantes, menos tempo sendo gasto com exercicios oraes, deixando-se mais tempo para exercicios mais difficeis.*)

---

## INSTRUÇÃO MORAL E CIVICA

### O JURY, SUA IMPORTANCIA, SUA ORGANIZAÇÃO E SUA NECESSIDADE. DEVERES DOS JURADOS

(*Continuação*)

*Professor.* — Atenção! Todos vocês, na ultima aula, ficaram sabendo que os criminosos vão presos e depois vão a jury, onde soffrerão uma pena que lhes é imposta, conforme o crime praticado, não é assim?

*Alumno.* — Eu muitas vezes leio nos jornaes que o jury absolveu o réo. Que quer dizer isto, professor?

*P.* — Qualquer coisa que evite o contacto do ar.

O *linimento calcareo*, que é uma mistura em partes eguaes de oleo de linhaça e agua de cal, é excellente para queimaduras; é remedio que não deve faltar em casa alguma. Quando os dedos forem queimados, devem sêr envoltos separadamente.

Si a queimadura fôr muito grave, deve-se chamar immediatamente o medico e collocar a parte queimada na agua. Assim, quando o medico chegar, não perderá tempo em retirar o trigo, oleo ou qualquer outro remedio que possa têr sido usado.

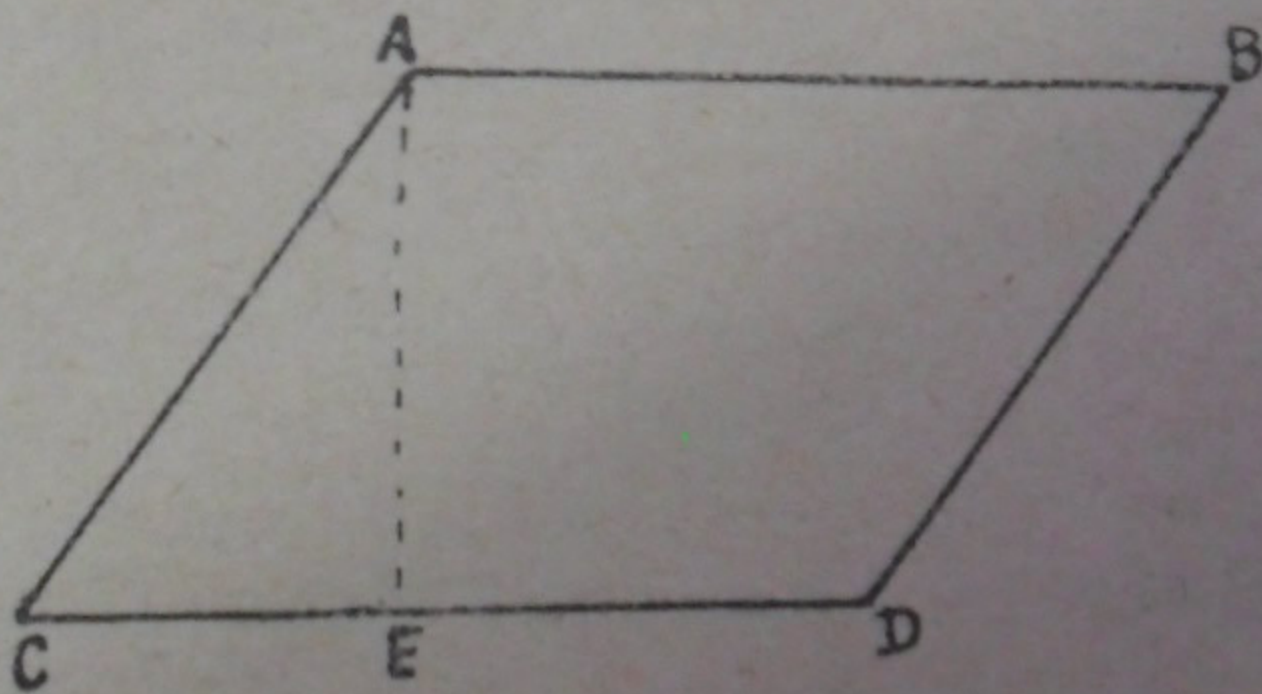
## GEOMETRIA

### AREA DO PARALLELOGRAMMO

*As definições geometricas não têm tanta importancia como os exercicios praticos, que habilitam a criança a reconhecer as figuras.*

*Vendo, cortando, verificando como é formada a area duma figura, aprenderão a calcular essa area.*

*(Toda a classe deve estar munida de papel, regua, lapis e tesouras ou canivetes. No quadro-negro, o desenho de um parallelogrammo de  $0,^m50 \times 0,^m30$ .)*



*Professor.* — Este desenho, aqui no quadro-negro, representa um grande canteiro que vou fazer no meu jardim, mas, notem bem: a figura representa um canteiro 10 vezes menor do que o verdadeiro canteiro que o jardineiro vae fazer.

Que fôrma posso dizer que o canteiro vai ter?

Alumno. — É um parallelogrammo.

P. — Muito bem. Gostei de vêr que reconheceu logo a figura, pois já a estudámos outro dia.

Façam, todos vocês, canteiros de papel, com esta fôrma.

A. — Os canteiros em fôrma de *parallelogrammos*?

P. — Naturalmente que não poderão sêr do tamanho do canteiro do meu jardim, nem tão pouco do tamanho deste, representado no quadro-negro.

A. — Que medida tem esse, professor?

P. — Venha medir.

A. — Aqui temos, na base,  $0,^m50$ ; portanto,  $5^m$  no canteiro de verdade.

P. — Muito bem. Mas, como fez a conta?

A. — Pois o canteiro do jardim é 10 vezes maior. Ora,  $10 \times 0,^m50 = 5^m$ .

P. — Veja a *altura* Pedro.

A. — É de  $0,^m30$ . Quer dizer que no jardim essa altura tem  $3^m$ .

P. — Agora, pôdem todos fazer os seus canteiros de papel e depois recortá-los.

A. — Prompto, professor.

P. — Marquem nos canteiros a altura do parallelogrammo.

A. — Representar a largura do canteiro, não é?

P. — Isso mesmo. Venha você, Antonio, marcar no quadro-negro a altura.

A. — É esta a altura: *AE*.

P. — Cada qual córte o seu canteiro pela largura, isto é, pela *altura* do parallelogrammo.

Que figura temos agora?

A. — (Mostrando.) Este pedaço menor é um *triangulo*, e este outro é um *trapezio*.

P. — Colloquem o triangulo á direita do trapezio, com o lado menor, isto é, com a base para baixo.

A. — Coube certinho!

A. — Que engraçado! Ficou um rectangulo!

P. — Qual era a figura da qual tirámos o triangulo, e que ainda temos no quadro-negro?

A. — Um parallelogrammo.

P. — E agora?

A. — Um rectangulo.

P. — Augmentámos ou diminuímos o parallelogrammo, quando o transformámos em rectangulo?

A. — Nem augmentámos nem diminuímos. Só tirámos esta ponta, este triangulo daqui e puzemos naquelle vão.

P. — Qual é maior? Este rectangulo que temos ou o parallelogrammo que tínhamos?

A. — São eguaes.

A. — Nós recortámos, mas tornámos a juntar os pedaços.

P. — Como se acha a area dum rectangulo? Lembra-se, Renato?

A. — Multiplicando a base pela altura.

A. — E não se esquecendo que a medida é quadrada! . . .

P. — Bravo, Alfredo! Isso é bem importante.

Voltemos agora ao nosso canteiro. Contratei com um jardineiro fazer o canteiro, revolver-lhe a terra, estercal-o e plantal-o, a 1\$200 o metro quadrado. Quanto vai me custar esse canteiro?

A. — Primeiro é preciso saber quantos metros quadrados tem elle.

A. — A area.

P. — E como vou saber?

A. — É a mesma coisa que a area do rectangulo: multiplicando-se a base  $5^m$  pela altura  $3^m$ .

A. — A area do canteiro é de  $15,^{m2}$ .

A. — Sabendo-se que são  $15,^{m2}$  é facil o resto. Si um metro quadrado custar 1\$200,  $15,^{m2}$  custarão 15 vezes mais. O canteiro custará 18\$000.

## A LINGUAGEM

(Continuação)

Mas, esta imitação na criança limita-se aos sons que ella ficou conhecendo e que emite. Ora, seu alphabeto só se augmenta lentamente, alphabeto phonetico, já se entende, e se desenvolve, mais ou menos, numa mesma ordem.

O menino que começa a articular alguns sons, a principio só conhece as vogaes. Parece-nos um pouco pueril querer definir exactamente qual a primeira vogal e em que ordem as outras apparecem no vocabulario infantil. Mas pôde-se admittir o E e o A, com todas as inflexões que se lhes possa dar, como as primeiras emittidas. A criança conserva por muito tempo esta acquisição e com esses unicos sons sua voz sabe compôr "phrases" — sons que parecem bem differentes uns dos outros. Esta variedade augmentará naturalmente em porporções bastante consideraveis, quando a criança conhecer todas as vogaes.

A's vogaes vêm reunir-se as consoantes cujas primeiras adquiridas são as labiaes, chamadas com justa razão — explosivas. Queremos falar das letras B e P que são as primeiras que se juntam ás vogaes já conhecidas. A resistencia opposta pelos labios á sahida dos sons é, não ha duvida, a origem da acquisição das primeiras consoantes. Agora a educação e a imitação intervêm no desenvolvimento da linguagem.

As primeiras palavras que a criança pronuncia, ou mais exactamente, os primeiros sons compostos que ella emite são monosyllabos que já representavam as vogaes emittidas isoladamente. Esta linguagem inicial vae se desenvolvendo lentamente, a principio pela repetição da syllaba já pronunciada, depois formando sons de duas syllabas e emfim de muitas. E' a repetição da syllaba inicial que dá origem aos termos *papá* e *mamá*, assim como á palavra *nenê* que as crianças pronunciam rapidamente desde que começam a associar as consoantes ás

vogaes. Cumpre notar que aqui se trata duma imitação retrograda, pois em realidade a criança é que é o educador dos adultos; estes a fazem pronunciar, *dando-lhes um certo sentido*, as syllabas que ella mesma pronunciaria apenas entrando em sua composição uma vogal e uma consoante explosiva. A criança pronuncia rapidamente esses monosyllabos repetidos, porém não lhes liga sinão tardiamente o sentido que os educadores lhes querem dar, e desde que ella está de posse da palavra *papá*, ella applica-a indifferentemente não só a qualquer pessoa, como ainda aos objectos inanimados que lhe causam uma impressão agradável. Tambem observam-se crianças que sem nunca terem conhecido o pae, repetem a palavra *papá*. Póde-se fazer a mesma observação a respeito do disyllabo *mamá*, mais tardio que o precedente, porquanto o M entra menos precocemente no alphabeto phonetico da criança.

Assim como a criança pronuncia *papá* e *mamá*, sem fazer applicação que só lhes dá interesse do ponto de vista do desenvolvimento da intelligencia do sêr humano, do mesmo modo irá repetir, sem lhes ligar o minimo sentido, as palavras de facil pronunciação que lhe queiramos ensinar. E não só repetirá essas palavras por imitação, como ainda forjará outras desconhecidas pelos seus educadores e que demonstrarão a persistencia dessa linguagem espontanea de que já falámos.

E' mesmo bastante frequente que das palavras forjadas pela criança ella faça uma boa applicação; são muito communs as crianças que têm inventado certos sons mais ou menos complicados com que recebem a sua mamadeira. Mas, pouco a pouco o vocabulario se complica e toma um sentido, o que se observa no fim do primeiro anno. E' nesta época, na maioria das crianças, que ellas começam a estabelecer um laço de ligação entre um bocejo ou um acto e a palavra que se lhes repetiu por muitos mezes mostrando-lhes esse objecto ou fazendo-as realizar esse acto.

Não continuaremos a seguir o desenvolvimento da linguagem na criança. Compreende-se que estabelecida a primeira relação entre uma palavra e uma coisa, as outras possam seguir, com mais ou menos rapidez. Ver-se-á mais tarde esta-



belecer-se a constituição rudimentar da phrase simples pela relação entre duas palavras e, por consequencia, entre duas idéas similares ou artificialmente aproximadas. O papel da imitação torna-se aqui preponderante, sendo ás vezes os educadores que a impõem e outras, a criança que imita para crear um prazer novo. Mas a applicação exacta dos vocabulos ás coisas vem quasi que exclusivamente da educação.

“O typo, diz Guyau, a maneira pela qual a criança deve aprender muitas coisas sem se fatigar, é o modo pelo qual ella aprende sua lingua materna, não ouvindo o murmurio continuo das palavras sinão quando está disposta, deixando-as entrar em sua cabeça, espontaneamente, e não como prégos enterrados em seu cerebro pela repetição.” Esta phrase resume o capitulo.

(*Continúa.*)